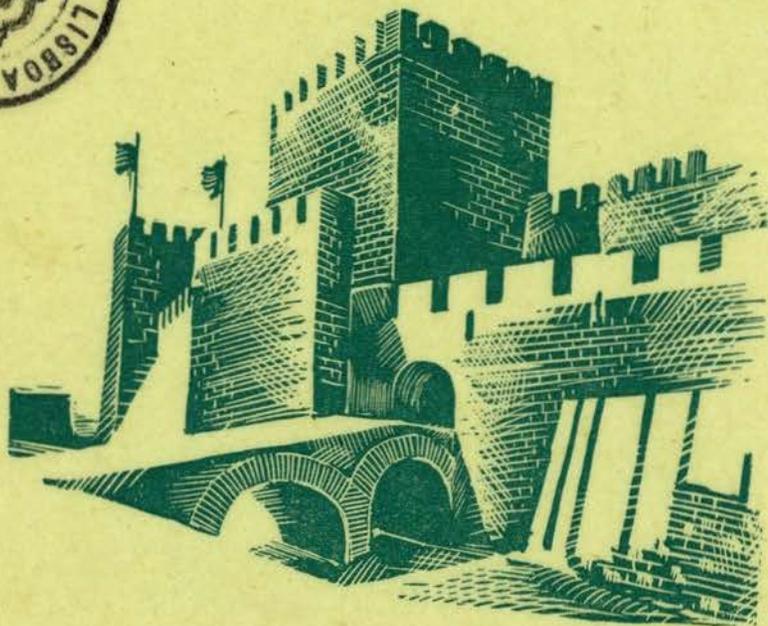


Olisipo

BOLETIM TRIMESTRAL DO GRUPO

Amigos de Lisboa



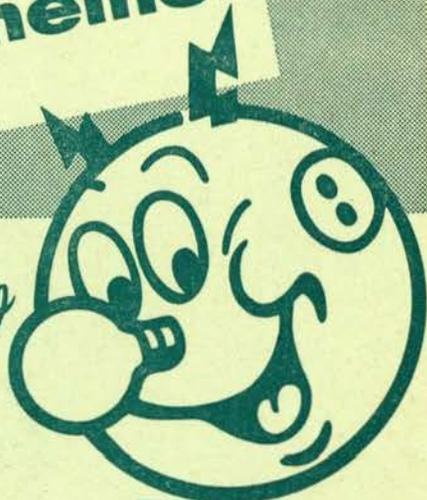
Ano XX — N.º 80 • Outubro 1957



**A electricidade
assegura
uma vida melhor**

*...Mas é preciso
QUE*

**A INSTALAÇÃO ELÉCTRICA
O PERMITA !**



Os aparelhos eléctricos não podem dar satisfação ao cliente se ele não dispõe de uma instalação capaz.

Ora, a maioria das habitações tem ainda instalações talvez suficientes para a iluminação, mas incapazes de alimentarem convenientemente a moderna aparelhagem que faz tudo numa casa.

Assim, os aparelhos não podem funcionar eficientemente. E quando os ligam à corrente... os fusíveis rebentam.

Os vendedores de aparelhos eléctricos conscienciosos devem dar aos seus clientes informações completas e aconselhá-los a consultar um electricista competente.

CAE REUNIDAS GÁS



E ELECTRICIDADE

Casa Batalha

FUNDADA EM 1635

Angelo G. Ramalheira

ENGENHEIRO CIVIL

Construções

Projectos de Estabilidade

Betão Armado

Avenida Sidónio Pais, 14, r/c.-E. - Tel. 49313

LISBOA

Praça D. Filipa de Lencastre, 22, 6.º - Tel. 26251

PORTO

OFICINAS
GRAFICAS

Ramos, Afonso & Moita

L I M I T A D A

Composição manual e mecânica. Impressão rápida. Encadernação
Livros, Revistas, Magazines, Impressos comerciais e burocráticos
Livraria. Papelaria

R. Voz do Operário, 8 a 16

LISBOA

S. Vicente de Fora

CASA AFRICANA

●
**PREÇOS FIXOS
E MARCADOS
EM TODOS OS
ARTIGOS**

●
**ON PARLE
FRANÇAIS**

●
**ENGLISH
SPOKEN**

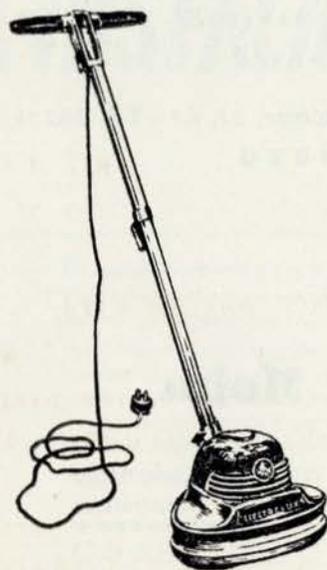
●
Secção de Alfaiataria e Camisaria para Homens e Rapazes. Modas e roupa branca para Senhoras e Crianças. Sedas e Veludos, Lãs, Malhas, Algodões, Cintas e Soutiens. Decorador-estofador. Peles confeccionadas e a retalho. Retrosaria. Luvaria, Perfumaria e todos os artigos para **HOMENS, SENHORAS E CRIANÇAS**

●
Rua Augusta, 161 - Telef. 2 42 64-65 P. B. X.
LISBOA

Rua Sá da Bandeira, 166 - Telef. 1361 P. B. X.
PORTO

Edifício do Cruzeiro — ESTORIL

É um prazer encerar



com a enceradora B-9

ELECTROLUX

**A mais perfeita técnica a
par da mais alta qualidade**

ELECTROLUX, L.^{DA}

R. Pascoal de Melo, 7

Telef. : 56115

R. 1.º de Dezembro, 120-B

Telef. : 28246

LISBOA



GAIVOTAS, LDA.

FÁBRICA DE VIDROS E CRISTAIS

Fundada em 1811

Telefs. 663177/78

Especializada em todo o género de vidraria para iluminação, frascaria para perfumaria e laboratórios e artigos domésticos

A alta qualidade do seu fabrico corresponde a preferência dada aos seus produtos por uma vasta Clientela da Metrópole, Ultramar e Estrangeiro

Fábrica: RUA DAS GAIVOTAS, N.º 14 a 24

Escritório: RUA DAS GAIVOTAS, N.º 20-C 1.º

Casa de venda ao público: RUA DAS GAIVOTAS, N.º 14 a 24

LISBOA

Banco Espírito Santo e Comercial de Lisboa

S. A. R. L.

Capital Realizado Esc. 200.000.000\$00

Reservas Esc. 96.000.000\$00

RUA DO COMÉRCIO, 95 A 119

Filiais - Porto, Coimbra, Braga, Covilhã, Faro, Guimarães e Ponta Delgada.

Agências - Abrantes, Alferrarede, Anadia, Castelo Branco, Espinho, Estoril, Figueiró dos Vinhos, Gouveia, Guarda, Leiria, Mangualde, Montemor-o-Novo, Montijo, Moura, Olhão, São João da Madeira, Santarém, Torres Novas, Torres Vedras, Tortozendo e Vila Franca de Xira.

Dependências urbanas:

LISBOA - Alcântara, Almirante Reis, Belém, Benfica, Camões, Campolide, Conde Barão, Graça, Poço do Bispo, Praça do Brasil, Praça do Chile, Praça Duque Saldanha, Praça de Londres e Belém.

PORTO - Carvalhinho, Costa Cabral e Matosinhos.

TODAS AS OPERAÇÕES BANCÁRIAS

PAPELARIA CARLOS

Rua do Ouro, 34, 38

Telef. 2 02 44

Teleg. PAPELCAR

LISBOA

CARLOS FERREIRA, LDA.

Especialidade em livros para
ESCRITURAÇÃO COMERCIAL

Grande sortido de artigos para
DESENHO E ESCRITÓRIO

Porcelanas da
VISTA ALEGRE

... apreciadas pelos Lisboetas de bom gosto há mais de



UM SÉCULO

Largo do Chiado, 18 • Rua Ivens, 19 • LISBOA

A

LEGAL & GENERAL

agradece aos

«AMIGOS DE LISBOA»

*a preferência que lhe têm
dado, para os seus
contratos de seguros*

Capital e Reservas:

220 MILHÕES DE LIBRAS

CORRESPONDENTE:

Rua da Madalena, 80, 1.º — LISBOA



A LAMPADA
LUMIAR
ENSINA A POUPAR

OURIVESARIA DA GUIA

fundada em 1875

JOIAS - OURO

PRATA - RELÓGIOS

R. Martim Moniz, 2-10 - R. da Mouraria, 7-11 - Tel. 28336 - LISBOA

OLISEIRO

Publicado por o Conselho Municipal de Educação de Lisboa
Lisboa, 1968

LEGAL E GERAL

Sumário
1. O ensino da Língua Portuguesa
2. O ensino da Matemática
3. O ensino da História
4. O ensino da Geografia
5. O ensino da Física
6. O ensino da Química
7. O ensino da Biologia
8. O ensino da Educação Moral e Cívica
9. O ensino da Educação Artística
10. O ensino da Educação Física



OURIVESARTA DA GUIA

1. O ensino da Língua Portuguesa
2. O ensino da Matemática
3. O ensino da História
4. O ensino da Geografia
5. O ensino da Física
6. O ensino da Química
7. O ensino da Biologia
8. O ensino da Educação Moral e Cívica
9. O ensino da Educação Artística
10. O ensino da Educação Física

Representação do Grupo à Ex.^{ma} Câmara Municipal de Lisboa

Sobre a AVENIDA DA LIBERDADE

TENDO sido ventilada, numa reunião da Junta Directiva a necessidade de se encarar o problema da monumentalidade exterior dos edifícios a construir na remodelação em curso na Avenida da Liberdade, ruas e praças que a limitam, sobre o qual nos chegaram várias sugestões, promoveu-se a reunião da Secção de Estudos de Estética e Urbanização e sobre o seu parecer, elaborou-se uma representação à Ex.^{ma} Câmara Municipal de Lisboa que a seguir se publica na íntegra:

Ex.^{mo} Senhor Presidente da Câmara Municipal de Lisboa:

O Grupo «Amigos de Lisboa» solicitado por vários dos seus associados a pronunciar-se sobre a urbanização da Avenida da Liberdade, estudou o assunto e depois de reunir a sua Secção de Estudos de Estética e Urbanização e com o seu parecer homologado pela sua Junta Directiva, resolveu levar ao conhecimento da Ex.^{ma} Câmara, da digna Presidência de V. Ex.^a, a sua satisfação por a cércea estabelecida para o referido arruamento ter sido diminuída, quanto ao primitivamente fixado; e fazer votos para que a monumentalidade exterior dos edifícios a construir nesse local e nas praças e arruamentos circunvizinhos e adjacentes, seja digna do local e da categoria dessa artéria, seguramente a primeira da nossa capital.

É o que respeitosa e humildemente fazemos perante V. Ex.^a.

Pela Junta Directiva

A BEM DE LISBOA

O Vice-Presidente

Gustavo de Matos Sequeira

O Secretário-Geral

Dourtor Eduardo Augusto da Silva Neves

Assim o Grupo não descurou os deveres que os nossos Estatutos lhe impõem.

Um desenho à pena
da autoria de
Júlio de Castilho

por EDUARDO NEVES

O acaso trouxe-nos ao conhecimento que, na posse do nosso colega Dr. Álvaro Serra Negrão, apaixonado e culto coleccionador de obras de Arte, estava um quadro contendo um desenho à pena assinado J. Castilho, datado de 4 de Outubro de 1891 da Quinta da Vitória.

Ora foi na Quinta da Vitória que Júlio de Castilho ultimou a RIBEIRA DE LISBOA cuja primeira edição saída em 1893 vem datada de — Quinta da Vitória, Sacavém — 10 de Outubro de 1892.

A Quinta da Vitória, série de casas com seus cómodos, capela e muro, pintados actualmente a cor-de-rosa escuro e confinando com a estrada que de Lisboa, por Sacavém, segue para o Norte, encontra-se à direita de quem se dirige para o Norte com largo portão de entrada e a porta da capela confinando com a estrada. A fachada principal da casa de residência deita para o pátio interior a que dá acesso o largo portão e é circundada por jardins que confinam com largo olival e terrenos de cultura.

É seu proprietário actual o Sr. Henrique de Chatelanaz que a possui há cerca de 12 anos. Em 1891 entrou na posse de Anselmo Braamcamp Freire, antigo presidente da Câmara Municipal de Lisboa e de Lisboa natural, que nessa data a herdou de José Augusto Braamcamp. A Quinta foi dividida, sendo parte actualmente ocupada pelo Regimento de Artilharia Antiaérea Fixa, a «R. A. A. F.» como agora sói dizer-se. Os números

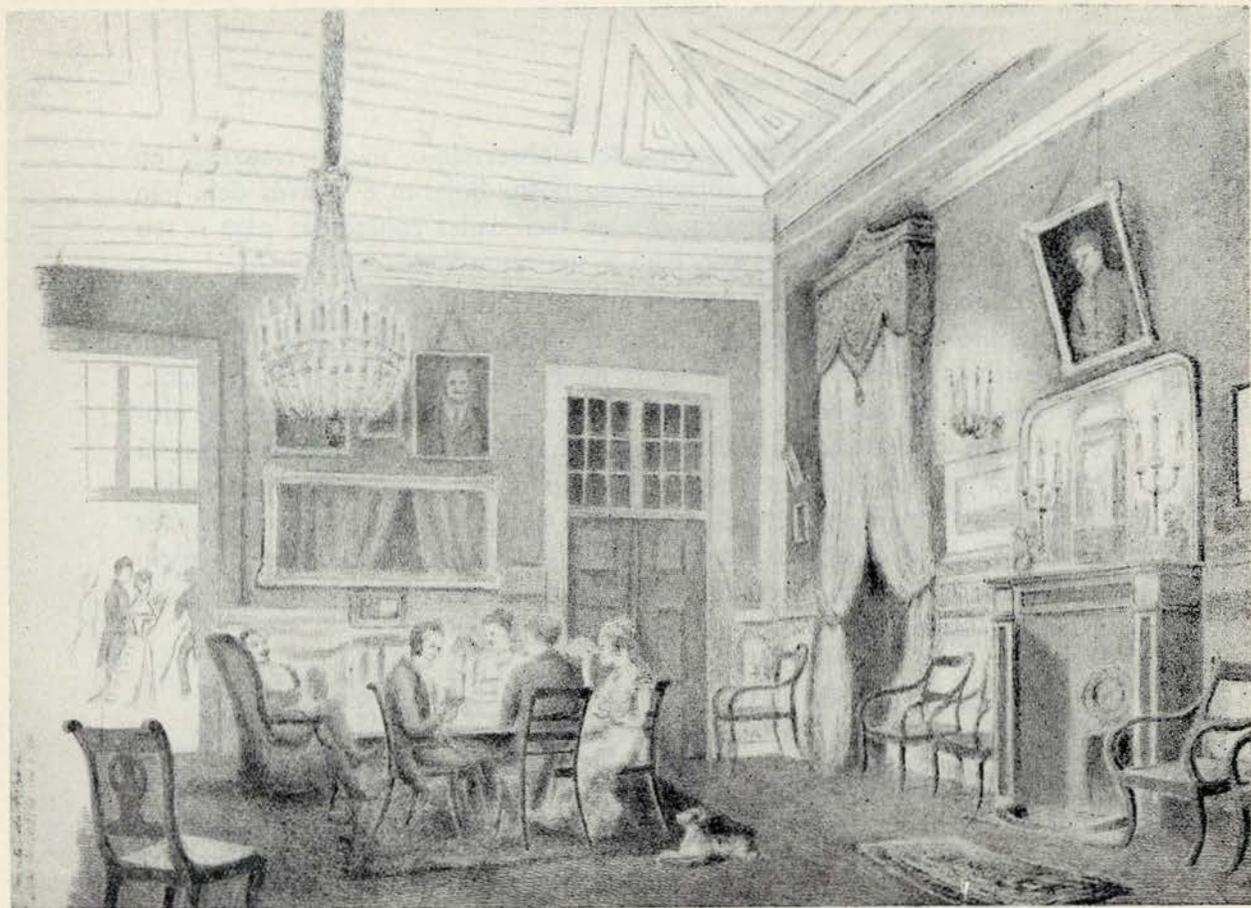
da respectiva matriz foram desdobrados e vários os seus possuidores, antes do actual, depois da morte de Braamcamp Freire. A casa sofreu interiormente várias e profundas modificações.

O desenho que mede na mancha 33,5 × 24 cms. é feito à pena a preto e vermelho e no canto inferior direito e ao alto escrito à margem tem Quinta da Vitória - Júlio de Castilho - 4 de Out.^{bro}, 91, em duas linhas. A seguir ao nome do autor acrescentou Castilho: «inv. des», significando assim que ele o desenhou e copiou do natural.

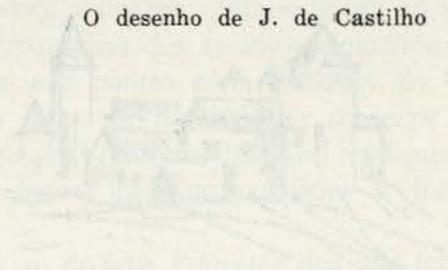
O desenho representa uma larga sala mobilada em estilo Império tendo ao fundo duas portas de largas bandeiras envidraçadas das quais uma fechada com duas meias portas almofadadas e outra aberta por onde se divisa uma sala contígua onde se vêem pares bailando em trajo de gala, as senhoras de vestido de noite e os homens de casaca. Na primeira sala de que se vê à esquerda uma janela com amplas bambinelas de renda, um fogão de sala encimado por um largo espelho, estatuetas e dois candelabros, tendo por cima um retrato que parece de um militar. Do tecto, de maceira apainelado, como se vê na gravura junta, pende um grande candeeiro de cristal para velas e na parede do fundo, entre as duas portas, por cima dum amplo sofá há um pequeno quadro, um espelho de sala e três retratos sendo um deles de um cavalheiro em trajo civil e usando barba rodeando a face. Decorando a sala e a meio, sobre um tapete há uma mesa onde jogam dois pares, dois cavalheiros e duas senhoras. Num «fauteuil» junto ao sofá está um cavalheiro e a um canto do tapete um pequeno cão de luxo. Dos lados do fogão e pelas outras paredes há pequenos quadros e candelabros e rodeando a sala cinco «fauteuils» de palhinha estilo Império. Diante do fogão um pequeno tapete, e, solta, no canto direito do desenho uma cadeira de assento de palhinha estilo Império com as costas ostentando o ornato característico, possivelmente, a lira ou os dois patos.

A tonalidade é preta e vermelha, a que um «passe-partout» condigno e uma moldura dourada apropriada dão realce e que a cor amarelada do papel faz destacar.

Este curioso desenho que veio à mão do seu actual possuidor por aquisição ocasional, foi valorizado pelo seu anterior proprietário que, certamente, como o actual, não só apreciaram a beleza artística da espécie como também o valor histórico da sua autoria e do imóvel desenhado, tão ligado assim à história olisiponense.



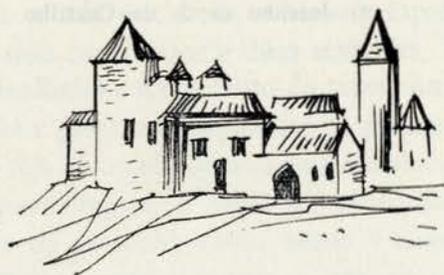
O desenho de J. de Castilho



Traíria as minhas obrigações, se conhecendo-o, não o trouxesse ao conhecimento dos nossos confrades no nosso Boletim e através dele não agradecesse ao seu actual possuidor as facilidades concedidas para o seu exame e a amável autorização para a sua reprodução.

E assim ficamos sabendo que Júlio de Castilho, de Outubro de 1891 a Outubro de 1892, viveu na Quinta da Vitória, nos arredores de Lisboa, e subúrbios de Sacavém, e que de lá nunca esquecido da sua cidade natal, no repouso, que agora o largo movimento da estrada não consentiria, ultimou os trabalhos da sua RIBEIRA DE LISBOA, cuja primeira edição, já tão rara, e publicada num volume, se desdobrou nos cinco que na segunda edição a Câmara Municipal de Lisboa, sobre os seus manuscritos, fez reeditar, sob a criteriosa direcção de Luís Pastor de Macedo, nosso sócio fundador o antigo Secretário-Geral, actual Vice-Presidente da nossa Câmara Municipal.

13 de Agosto de 1957.



O CENTENÁRIO

do

“*Archivo Pitoresco*”

por HUGO RAPOSO

FUI exactamente a 1 de Julho de 1857 que veio à luz do dia o primeiro fascículo do Semanário Ilustrado ARCHIVO PITORESCO. Edição da Oficina Tipográfica de Castro & Irmão, sita à Rua da Boa Vista.

Cem anos passados as revistas semanais tomaram aspecto bem diverso. Modernamente prevalece a imagem, fala-se muito ao sentido dos leitores e publicam-se hoje fotografias dos assuntos sensacionais que se passaram ontem ou anteontem nos pontos mais distantes do Globo. A matéria redigida é curta, no receio de não agradar ao leitor se esta fôr longa. Não entre nós, mas noutras latitudes do globo terráqueo, a revista semanal cultiva o sensacionalismo, tão inconveniente à formação mental da juventude.

Cem anos atrás, o *Archivo Pitoresco* deu aos leitores da sua época uma imagem séria da vida e às gerações futuras preciosas fontes de informação, de esclarecimento e de cultura geral.

Não se dirá que na época em que surgiu o *Archivo Pitoresco* a vida era inteiramente serena. A agitação política, contra a serenidade e o humanitarismo de um rei jovem e bondoso, que era o Senhor D. Pedro V, trazia a nação frequentemente envolvida em questões mais ou menos acesas. Não estavam ainda cicatrizadas as feridas profundas das lutas entre portugueses.

Discursos dos governantes e pretendidos actos de administração eram

objecto da mais viva controvérsia, em que o interesse nacional não se sobrepunha aos interesses do partidarismo.

A febre-amarela a seguir a uma mortífera epidemia de cólera-morbo, era precisamente em Julho de 1857 que imolava as suas primeiras vítimas, espalhando terror e desolação, tornando amarga e incerta a vida.

Nos domínios da política internacional o caso da barçaça *Charles & George*, ocorrido em Moçambique, causou uma viva quanto desagradável impressão e foi sério motivo de desgosto para os portugueses.

Foi neste ambiente relativamente excitado que surgiu o *Archivo Pitoresco*, iniciando a sua publicação no primeiro dia do segundo semestre de 1857, custando cada fascículo 50 réis, uma moeda que cem anos depois estava banida da circulação por não ter já valor algum.

É evidente que o *Archivo Pitoresco* na sua curta existência de onze anos, marcou um lugar de destaque na imprensa portuguesa. Não é de estranhar portanto que as palavras introdutórias do seu primeiro fascículo, sem rompantes nem espaventos literários, sejam uma afirmação de seriedade jornalística. Dizem os editores no seu intróito:

«Poucas palavras explicam a missão do *Archivo*, mas essas não consente a obrigação solene, que a Empresa vae contrair, que se calem, para que ninguém se julgue com direito de exigir ou de esperar dele mais do que ela promete.

Indo pedir à plastica a illustração das suas paginas, o *Archivo* procura fomentar a nossa gravura em madeira, dar relevo à palavra e abrir campo em que as vistas curiosas espireçam sobre as creações da arte, da natureza ou da fantasia.

Jornal português e para portugueses, o fim principal que se propõe é ser util ou agradável a ambos os hemisferios em que se fala a bela lingua que immortalizou Camões.

Para o conseguir há-de ir à natureza de Portugal, das suas ilhas, das suas possessões e do seu irmão o Brasil, copiar os quadros que são dignos de contemplação e que extasiam os sentidos com a sua magestade.

A cada monumento perguntará a sua historia, a cada geração os seus costumes, a cada seculo a sua civilização.

Pena e buril dar-se-hão as mãos neste cometimento patriótico».

E logo, a cumprir o seu programa, o artigo de abertura é a breve história da cidade do Rio de Janeiro e do seu magnífico porto *todo matizado de ilhas encantadoras. É um prodígio da natureza tal, que aos mesmos que o estão admirando lhes está parecendo fabuloso. As serranias azuladas pela distância, em que os pináculos alcantilados nos parecem encarrapitar-se a desafiar as núvens, abarreinando com elas dos furacões o porto por esse lado.*

A seguir vêm versos de António Feliciano de Castilho, o retrato de Herculano e o seu elogio literário, um tema de geografia asiática, um artigo técnico sobre navegação a vapor acompanhado de gravuras e desenhos explicativos, narrativas de viagem em Inglaterra.

Evidentemente não vamos fazer a lista de todos os artigos publicados no *Archivo Pitoresco* durante onze anos. O que importa efectivamente fixar aqui é a variedade e a riqueza dos temas. Sucedem-se trechos literários subscritos por nomes muito em evidência na época; crónicas curiosíssimas sobre usos e costumes nos mais distantes pontos da terra.

Sobre o Canal de Suez, que tanto tem dado que falar nestes últimos tempos, ali se encontra uma narração interessantíssima, descrevendo como os viajantes vindos do Oriente podiam chegar mais rapidamente à Europa, percorrendo num serviço organizado por estrada, à maneira de 1857, entre o Suez e o Cairo, atravessando o deserto, com sete escalonamentos ou estações de muda de gado.

O que nesse tempo já se podia antever do Canal de Suez di-lo o *Archivo Pitoresco* nestas palavras:

«Porem a Empresa colossal digna do seculo presente, cuja investigação e estudos tem contribuido para melhor se averiguarem distritos do Egipto, esquecidos ou mal conhecidos das gerações modernas que poderia produzir incalculaveis vantagens para o commercio, ao movimento do qual não será ainda bastante o caminho de ferro: é o corte do istmo do Suez por um canal navegavel, auxiliar ou antes complemento da via ferrea. Os trabalhos da comissão scientifica internacional, chamada pelo vice-rei tem destruido muitos preconceitos e calculos errados, especialmente quanto à diferença de nivel entre os dois mares, o Mediterraneo e o Vermelho.

Está demonstrado que o canal do istmo do Suez não é uma utopia. Na antiguidade existiu um que comunicava os dois mares pelo interior do Egipto, posto que em diferente direcção da que é agora marcada.»

Mais adiante vamos encontrar apontamentos valiosos de etnografia, sobre vendedeiras de Avintes, descrições de caçadas orientais, biografias de homens célebres.

No fascículo 6, que abre com a imagem do Passeio Público, pode ler-se a notícia da abertura ao trânsito da nova ponte de Austerlitz em Paris, onde vem indicado o seu custo de 850.000 francos, o que ao câmbio da actualidade dá uns sessenta contos!

Depois são histórias de povos, principalmente dos menos conhecidos na nossa civilização, a vida de certas aves raras, artigos sobre temas de arte, numismática, pesca, caça, arqueologia.

No fascículo 27 encontra-se um artigo judicioso sobre a personalidade do jovem soberano D. Pedro V, subscrito por Latino Coelho, e mais tarde, no fascículo 48 a notícia pormenorizada do seu casamento com D. Estefânia *a formosa flor das margens do Dussel*.

Os monumentos de todo o país, tão largamente como também os das nossas possessões ultramarinas aparecem documentados no *Archivo* em verdadeira profusão. Mas não só estes. Também os grandes monumentos do estrangeiro são descritos com largueza, como o Coliseu de Roma, os templos de Malta, o Castelo de Lichstein, os arcos monumentais da China, o Palácio das Cortes de Turim.

As figuras notáveis da nossa história como Vasco da Gama, Egas Moniz, Nuno Álvares Pereira, são enaltecidas em trechos admiráveis, assim como os nossos santos, os nossos poetas, os nossos heróis.

A história antiga e a história contemporânea constam de abundantes narrações.

Parece impossível como uma revista semanal, numa aparente modéstia de oito páginas semanais, conseguiu acumular na sua colecção de onze anos, uma reserva de cultura geral pronta a satisfazer todos os caprichos da curiosidade humana.

Cem anos passados o *Archivo Pitoresco* mantém todo o interesse que tinha à data da sua publicação e mais o de ser hoje, e muito mais amanhã, uma preciosa e fecunda fonte de consulta.

Estes onze volumes foram sempre um dos maiores encantos da minha biblioteca, e talvez dentre todos, aqueles a que mais vezes recorro para me esclarecer. Mas foi agora, para corresponder ao convite que recebi, que verdadeiramente pude avaliar este monumento literário. Para quem como nós não faz de escrever a sua vida, poucas vezes nos entregámos a uma tal tarefa com tanto prazer e com tanto agrado como o que sentimos durante aqueles dias que me dispus a ler e a folhear o *Archivo Pitoresco* para poder organizar o esqueleto deste estudo.

A citação do conteúdo literário está feita. Porém a par deste há um outro de não menor valor que é o conteúdo artístico representado por uma profusão simplesmente espantosa de gravuras em matriz de madeira.

A gravura extraída da fotografia não estava descoberta nessa época. Assim pode-se avaliar da paciência e do preço que representa cada imagem do *Archivo Pitoresco*, a paciência do artista cavando a cinzel na madeira rija as partículas que darão o claro-escuro, obtendo por esse processo rudimentar efeitos, os mais belos e os mais imprevisos.

A arte de gravar por meio da madeira, seja a xilogravura, atingiu por exemplo na Alemanha, na Itália e em França uma perfeição semelhante à da própria gravura em metal, e dela houve famosos mestres cujo renome chegou até à nossa geração.

Para quem deseje esclarecer-se em pormenor sobre este curioso ramo da arte deverá ler a *Evolução da Gravura de Madeira em Portugal* da autoria de Ernesto Soares, publicada pela C. M. L. em 1951 em coincidência com uma exposição apresentada no Palácio das Galveias.

O autor faz uma longa narrativa do que foi a xilogravura descrevendo os artistas nacionais e estrangeiros que em todos os tempos mais se notabilizaram e quais as publicações que mais contribuíram para a sua difusão.

Estas foram em Lisboa, o *Arquivo Popular*, o *Recreativo*, a *Ilustração*, o *Jornal das Belas Artes*, a *Revista Popular*, o *Panorama*. Foi porém o *Arquivo Pitoresco* que deu entre nós um relevo sem par à gravura de madeira, dizendo Ernesto Soares que foi dele que saiu a primeira escola de xilogravura por iniciativa particular.

Ao *Arquivo Pitoresco* e aos seus famosos mestres gravadores deve a olisipografia um conjunto de documentação iconográfica da mais alta valia. Os gravadores que mais assiduamente colaboraram no *Arquivo* foram José Maria Baptista Coelho, Nogueira da Silva, João Pedroso e Caetano Alberto. Na lista dos seus colaboradores há um nome que ainda hoje permanece em mistério: Flora, que assina várias gravuras, tendo ficado sem se saber se era homem ou mulher.

Foi das mãos prodigiosas destes admiráveis artistas que saíram inúmeras imagens de Lisboa do século passado. Podem reconstituir-se hoje alguns aspectos do panorama lisboeta dessa época, graças à profusão de gravuras olisiponenses do *Arquivo Pitoresco*. Por exemplo a Praça dos Romulares, hoje do Duque da Terceira, vindo as águas do Tejo tocar-lhe no seu extremo sul; um aspecto da Praça da Figueira antes da construção do mercado; os casebres do Loreto; a ponte de Alcântara com a estátua de S. João Nepomuceno; o Largo do Marquês do Alegrete, etc.

Sobretudo os volumes v e vi são duma riqueza assombrosa em recordações lisboetas, como por exemplo uma interessantíssima e pouco conhecida imagem do Passeio Público com o Palácio Castelo Melhor anterior às modificações arquitectónicas que o tornaram como ele hoje é. Assim também são muito interessantes as vistas do Monte Alperche, da antiga Câmara Municipal, do noviciado dos Jesuítas na Cotovia, mais tarde

Colégio dos Nobres e hoje Escola Politécnica, o incêndio do paço municipal, que originou uma esplêndida gravura de Pedroso.

Não é só a cidade de Lisboa que ali está profusamente ilustrada. São também os nossos mais próximos arredores, como Queluz, Sintra, Odivelas, Caxias, Almada, etc.

Bem andou a C. M. L. em adquirir as matrizes de madeira do *Archivo Pitoresco*, que não podiam estar em melhores mãos.

Resta-nos ocupar-nos da colaboração lisiponense na parte própria-mente literária. Pondo de banda a «Lisboa Antiga» de Castilho, que não pode sofrer nenhuma comparação com qualquer outra obra, diremos que o *Archivo Pitoresco* é fundamentalmente a base de estudos do século XIX, e nesses sobressai a grande altura a figura literária de Vilhena Barbosa.

Os fragmentos de um roteiro de Lisboa, que ele desenvolve através de vários volumes é efectivamente um compêndio de história lisiponense, percorrendo-se por meio dele a cidade em todos os sentidos e em várias épocas. Sem tão admirável concurso de Vilhena Barbosa muitos episódios teriam mergulhado no esquecimento e a própria imagem cidadina conteria para as gerações futuras muitas lacunas que ele preencheu proficientemente. O próprio Júlio de Castilho, mestre dos mestres, não desdenhou de aludir a Vilhena Barbosa e de utilizar os seus informes históricos.

Muitos acontecimentos contemporâneos do *Archivo Pitoresco* foram nele descritos em reportagens circunstanciadas, como as obras dos caminhos de ferro e a sua inauguração, o casamento real de D. Pedro V com D. Estefânia acompanhado de gravuras com as cerimónias e as ornamentações, a entrega das chaves da cidade a D. Luís, a colocação da pedra fundamental do monumento a Camões, bem como mais tarde a sua inauguração, o desembarque da Senhora D. Maria Pia no Terreiro do Paço, festejos do casamento do Senhor D. Luís, o incêndio do paço municipal, reportagens por onde podemos hoje fazer história.

O *Archivo Pitoresco* e principalmente o seu grande colaborador Inácio Vilhena Barbosa, dedicaram carinhos valiosíssimos à olisipografia. Quase todos os monumentos, as igrejas, os palácios, os edifícios públicos, constam das suas cuidadas narrativas.

Alguém que deseje iniciar-se no conhecimento da história da Lisboa do passado, pode afoitamente entregar-se à leitura do *Archivo Pitoresco*, pois tudo quanto ele contém sobre a história da cidade é o bastante para emprestar noções que permitirão ler a obra de Castilho com muito mais compreensão e aproveitamento.

Cada volume do *Archivo* compõe-se de umas 400 páginas. A matéria olisiponense do I ao IV volume anda por uns quinze a vinte artigos por volume, ou seja um em cada dois ou três fascículos. Porém o V, o VI e o VII volumes, ou sejam aqueles em que Vilhena Barbosa entrou em cheio com a sua colaboração, nesses, em todos ou em quase todos os fascículos existe material olisiponense.

Depois nos quatro volumes finais, ou seja de 1865 a 1868 observa-se um abandono súbito e quase total do assunto *Lisboa*. A colaboração de Vilhena Barbosa não desaparece do *Archivo*, mas ele dedica-se a atacar outras matérias.

É o caso que ele se tenha fatigado em três volumes espantosamente prolíferos, ou que se lhe esgotou o tema? Não é fácil averiguá-lo, mas mesmo assim a olisipografia recebeu de Vilhena Barbosa um dos maiores impulsos que lhe foram dados em todos os tempos, podendo-se afoitamente colocá-lo entre o grupo dos notáveis, como Marinho de Azevedo, Baptista de Castro, Júlio de Castilho, Gomes de Brito, Vieira da Silva.

Foi um acto justo, o da comissão de toponímia da C. M. L. dar o nome daquele escritor a uma rua do Bairro Social do Arco do Cego. E, quanto a esta agremiação, espero que um dia seja possível colocar nas nossas paredes uma recordação desse grande amigo de Lisboa do século passado, pois tanto ele como Miguel Pais são dois nomes que têm andado esquecidos, o que é ingratição.

O *Archivo Pitoresco* tinha em Portugal os seus assinantes certos, mas em número que talvez não assegurasse a sua publicação com independência. Era no mercado brasileiro que se completava a sua expansão por meio duma colectividade denominada Sociedade Madrepora.

Segundo o artigo de despedida que se lê no último volume do *Archivo*, depreende-se que aquela sociedade provocou dificuldades graves à vida financeira da empresa editora, pela falta de cumprimento a determinados deveres de elevado montante pecuniário. Então deu-se o irremediável. A Empresa Castro & Irmão viu-se forçada a suspender a publicação da revista.

Interrompeu-se assim aquele contributo semanal que durante onze anos foi dado à cultura. Interrompeu-se sobretudo esse elo permanente de ligação com os leitores do Brasil, onde por intermédio da referida Sociedade Madrepora o *Archivo Pitoresco* tinha uma importante expansão.

Não sei o conceito de que presentemente goza esta revista entre os

bibliófilos brasileiros. Em Portugal ela é principalmente estimada pelos olisipógrafos, pelas razões que atrás referi.

No seu género não se fez melhor em tempo algum, e hoje mesmo, sob o ponto de vista gráfico é difícil ir mais além. Há ainda que admirar o facto dos editores terem publicado cerca de 600 fascículos, mantendo escrupulosamente do primeiro até ao último sempre a mesma feição fisiométrica.

Numa época em que as linguagens nem sempre, para não dizer quase nunca eram reverentes o *Archivo Pitoresco* conservou a mais irrepreensível dignidade literária. Ele não serviu para beliscar ninguém. Pelo contrário serviu a Pátria, as Letras e as Ciências, e, nas suas relações de família com o Brasil foi um importante instrumento diplomático a consubstanciar a fraternidade intelectual luso-brasileira, intenção que ainda hoje orienta as duas nações irmãs, particularmente no momento que passa, em que a visita do Chefe do Estado português deu novos brilhos a um dos três pontos cardeais da nossa diplomacia.

Haveria ainda muito que divagar sobre o *Archivo Pitoresco*. Vamos ficar por aqui. Temos apenas que emitir um voto e esse seria no sentido de que alguém, a Câmara Municipal ou o S. N. I. promovessem a reimpressão de todo o texto literário e artístico de teor olisiponense que o *Archivo* contém, visto tratar-se duma espécie bibliográfica hoje rara.

Com a «Lisboa Antiga» sucedeu o mesmo. A C. M. L. promoveu a sua reimpressão por iniciativa de Luís Pastor de Macedo que tem merecido os maiores louvores, pois sem esta edição municipal raras seriam as pessoas que poderiam consultar tão importante obra histórica, como é a «Lisboa Antiga». Não só a cultura olisiponense, mas também a cultura portuguesa ganhou imenso com aquela reimpressão e ela tão bom acolhimento encontrou da parte dos estudiosos, que alguns dos seus onze volumes estão esgotados.

Penso que a compilação que sugiro fazer-se dos textos lisbonenses do *Archivo Pitoresco* não é um cometimento difícil e seria uma decisão bem acolhida pelo grande número de pessoas que hoje apreciam esse género de leitura, para mais possuindo já a Câmara, avisadamente, as matrizes de madeira respectivas.

Ao terminar, ficaria incompleto este modesto estudo se omitisse a minha homenagem a quem, com um desvelo já tradicional, organizou a exposição que se encontra patente no salão dos «Amigos de Lisboa». Fazer a exposição do *Archivo Pitoresco* seria sempre um assunto de dimensões

escassas e de limitado interesse. O nosso activo Director-Secretário, Sr. Dr. Eduardo Neves torneou a dificuldade com o seu senso habitual e o seu gosto característico e tão sobejamente demonstrado em exposições anteriores da sua iniciativa.

Ele conseguiu através de vária documentação, de gravuras, de cartas, de fotografias, de espécies bibliográficas dar-nos uma visão perfeita da mentalidade e da vida de Lisboa no tempo de D. Pedro V, extraindo de um pequeno tema de exposição, um verdadeiro êxito que está aqui ao alcance de todos, para o qual — é justo dizê-lo — contribuiu com as inesgotáveis reservas do seu arquivo pessoal o nosso incansável Eduardo Portugal.

As minhas últimas palavras são pois de louvor, de reconhecimento e de felicitação ao Dr. Eduardo Neves, pelo brilho que a sua exposição trouxe à celebração do primeiro centenário do *Archivo Pitoresco*.



A Companhia Geral das Carnes

por CARLOS ALBERTO LOPES TEIXEIRA

ATENDENDO às dificuldades com que lutavam os habitantes de Lisboa, com a grande falta de carne verde nos açougues existentes na Capital, em fins do século XVIII, e à desonestidade da maior parte dos marchantes, que se aproveitavam dos seus privilégios para aumentarem, abusivamente, os preços dos seus fornecimentos, o Senado da Câmara, a quem pertencia este assunto, deliberou mandar reduzir a um contrato geral e privativo o abastecimento de todas as carnes que fossem necessárias para o diário sustento dos habitantes de Lisboa e seu Termo, abolindo para esse efeito, todos os açougues sem qualquer benefício público, considerando-os como inúteis.

Esse contrato tomou o nome de Companhia Geral das Carnes e a sua exploração foi concedida à firma Carvalho & C.^a de José de Carvalho e Araújo e mais sócios que ele quisesse admitir. O capital era de 80 a 100 contos, dividido em acções de um conto de réis.

A Companhia principiou a abastecer carne à cidade na Páscoa de 1794, com a seguinte tabela de preços: vitela a 70 réis, carne de vaca a 64 réis, carneiro a 60 réis e a carne de porco a 55 réis o arrátel (459 gramas).

A Companhia também estava incumbida de vender reses vivas às Naus de Guerra e Navios de Comércio para sustento de suas equipagens.

Ficava a Companhia obrigada a não alterar os preços durante três anos, por qualquer que fôsse o motivo, sob pena de ser revogado o contrato, sem que o interessado pudesse alegar direito algum para a sua conservação.

A Companhia comprometia-se, pelo tempo acima estipulado, a fornecer gados dignos de serem admitidos ao sustento da população

e com a abundância necessária ao seu consumo. Era-lhe permitido comprar gados na província, pelos preços que ajustassem com os seus donos, sem constrangimento algum de suas vontades.

Os gados, quando destinados a Lisboa, estavam isentos de impostos nos lugares por onde transitassem, não podendo nenhuma autoridade, ordinária ou superior, impedir-lhes ou embaraçar-lhes a sua marcha, mas sim, dar-lhes todas as facilidades e protecção.

A Companhia estava autorizada a apascentar os seus gados em todos os terrenos baldios, montados incultos ou em terras que se achassem sem sementeiras quando transitassem a caminho de Lisboa, visto disso não resultar prejuízo algum, em razão da passagem dos gados ser momentânea. Mas se, pelo contrário, demorassem em alguma propriedade e danificassem as suas culturas, a Companhia Geral das Carnes era obrigada a ressarcir os prejuízos a quem os tivesse recebido, não podendo, de modo algum, os seus gados ser acoimados, embarcados ou retidos por semelhante motivo.

Os lavradores e criadores de gados podiam mandar matar e cortar as carnes por sua conta, em Lisboa e seu Termo a todas as reses que fossem de sua propriedade, levando-as, para esse efeito, ao matadouro com licença do Tribunal do Senado da Câmara, a qual só lhes seria concedida depois de autorizada pelos directores da Companhia Geral das Carnes, não podendo os mesmos lavradores vendê-las por preços fora dos que estavam estabelecidos na tabela. Todos aqueles que transgredissem ou abusassem da liberdade que lhes era concedida, incorreriam na pena de se lhes confiscar os seus gados ou o seu valor em dinheiro. O produto das condenações era remetido para a Caixa Pública das Condenações, cujo rendimento seria para dotar as filhas de lavradores pobres, os quais teriam de certificar serem possuidores de algumas vacas de criação, sendo sempre preferidas, em iguais circunstâncias, aquelas que fossem mais pobres ou que já tivessem mais idade para tomarem estado.

O matadouro achava-se estabelecido, desde o século XVI, no Campo do Curral, mais tarde denominado Campo de Santana, no mesmo local onde se ergueria uma praça de touros que funcionou até fins do século XIX. Além deste matadouro, a Companhia Geral das Carnes estava autorizada, pelo Senado da Câmara, a estabelecer mais matadouros que julgasse convenientes para maior comodidade do público, os quais seriam custodiados pelo Cofre das Obras Públicas sem qualquer despesa para a Companhia.

Os Juizes do Officio de Cortadores, uma espécie dos modernos sindicatos, ficavam encarregados de guarnecer todos os talhos com homens hábeis e capazes de servir o público com a honestidade que se requeria na pesagem das carnes e seus contrapêsos. Eram também responsáveis pela aferição dos pesos e asseio dos talhos, os quais deveriam ser limpos e lavados todos os dias, ficando incumbidos dessa inspecção, os almotacéis do bairro, que dariam conta ao Tribunal do

Senado da Câmara, a que os mesmos cortadores estavam sujeitos, para mandar proceder contra os que faltassem às suas obrigações, pelas quais também ficavam responsáveis os Juizes do Officio de Cortadores. Os castigos applicados aos transgressores eram mandados executar pelo Juiz Conservador da Companhia Geral das Carnes.

As dependências judiciaes que pudessem resultar para a Companhia, era permitido aos seus directores nomear para seu Juiz Conservador, qualquer Desembargador dos Tribunais da Rainha (D. Maria I), para que este pudesse conhecer privativamente, todas as causas e requerimentos que dissessem respeito às dependências da Companhia, a fim de as julgar numa só instância e sumariamente com os Adjuntos da Casa da Suplicação, nomeando para a Conservatória, um escrivão, também privativo, evitando-se assim, um conflito de jurisdições diversas, tanto prejudiciaes à Companhia como ao público.

Em consequência da faculdade dada a esta Companhia de nomear o seu Juiz Conservador, foi escolhido para esse effeito, o Desembargador António Joaquim de Pina Manique, ao tempo Administrador dos Reaes Direitos.

Para se evitar o contrabando de carnes para Lisboa, em virtude dos direitos serem menores nos subúrbios do que na Capital, foi prohibido de se estabelecer açougues a menos de meia légua do Termo desta cidade.

A findar, transcrevo o texto do alvará que concedia o direito de fornecer carnes à cidade de Lisboa.

«SUA MAGISTADE, he Servida Mandar Reduzir a hum Contracto Geral, e Privativo o Pravimento de todas as Carnes de Vacca, Vitella, Carneiro, e Porco, que fôrem necessarias para o diário sustento dos Habitantes desta Capital, e seu Termo, comprehendendo nella as suas Reaes Cozinhas, e abolindo para esse effeito todos os Açougues Privilegiados, que tem havido, e se tem conservado nesta Capital, sem algum beneficio público, considerando-os como inuteis, e prejudiciaes ao mesmo Contracto; e attendendo a mesma Senhora ser este Provimento hum dos objectos mais digno da sua Real Attenção, por depender delle a subsistencia da sua Capital, e a conservação dos Póvos, que habitão, e rodeão; He outrosim Servida conferir o mesmo Contracto a José de Carvalho e Araujo, e mais Socios, que elle quizer admittir.

(a) *José de Seabra da Silva*

Ministro e Secretario de Estado dos Negocios do Reino.

Palacio de Nossa Senhora da Ajuda, em 12 de Março de 1794. = Com a Rubrica do principe Nosso Senhor.»

(Impresso na Impressão Regia)

ACTIVIDADE CULTURAL

no Semestre Passado

INCIOU-SE a actividade cultural deste semestre com a visita de estudo ao Seminário Maior Patriarcal de Cristo Rei na Quinta do Cabeço, aos Olivais, em 14 de Julho p. p.

Os visitantes deslocaram-se em quatro autocarros e alguns automóveis, cerca de 200 pessoas, e foram recebidos gentil e amavelmente pelo Sr. Vice-Reitor do Seminário o Rev. Cónego José Amaro Teixeira que numa das salas do velho Palácio dos Condes dos Olivais fez a notícia histórica do Palácio e da Quinta e bem assim das modernas construções, amplas, higiénicas e actuais, onde funciona a parte activa do Seminário (aulas, internato, biblioteca e Museu de Arte).

Além da capela própria do Palácio, linda na sua decoração e no seu ambiente, possui a parte nova do Seminário capela própria, em estilo moderno mas acolhedor, para uso privativo dos seminaristas e dos seus professores e por isso com vários altares para se poderem celebrar várias missas simultaneamente, não perturbando os serviços escolares e permitindo que todos os sacerdotes celebrem a sua missa diária.

A visita terminou com um largo passeio pela Quinta, cerca e jardins onde se admirou um belo lago com cascata e várias obras de arte que junto com os magníficos azulejos que forram a parte antiga do Palácio e as belíssimas peças de Arte religiosas que se observam no Museu deixaram em todos as melhores impressões e são dignas de visita demorada. Assim o disse o Secretário-Geral que acompanhou os visitantes ao agradecer a gentileza do Snr. Vice-Reitor acompanhando e permitindo a visita.

Para a Biblioteca do Seminário oportunamente o Grupo ofereceu algumas das suas publicações e com o Boletim do Seminário passou OLISIPO a fazer permuta.

Na quinta-feira 18 realizou-se na sede a 17.^a sessão dos *Colóquios olisiponenses* em que Alfredo Ferreira do Nascimento dissertou sobre O Bugio, a velha Fortaleza da Barra de Lisboa erigida na «Cabeça seca» e que desde 1580 defende o passo da nossa barra e que mais tarde se transformou na actual Torre de S. Lourenço. Esta comunicação que OLISIPO publicará, mereceu alto interesse à numerosa assistência.

Na mesma sessão o Dr. Amadeu Ferreira de Almeida falou sobre as Palmeiras da Escola Politécnica e o Snr. Jorge Rebelo recordou páginas de Fialho de Almeida num estudo intitulado «Lisboa na obra de Fialho», tendo a declamadora D. Lucinda de Almeida lido «Manhã no Tejo» do citado escritor.

A 20 de Julho foi inaugurada na sede a Exposição comemorativa do «Arquivo Pitoresco» que reuniu várias espécies (gravuras, documentos autógrafos, livros e publicações⁽¹⁾), da época em que a referida revista iniciou a sua publicação. No acto da abertura o Secretário-Geral leu as palavras que a seguir se publicam e que dão em síntese a ideia do que foi essa interessante comemoração a que a Imprensa aludiu largamente.

«Havia antigamente, nesta mui nobre e leal cidade de Lisboa, umas entidades comerciais, que estavam legalmente autorizadas a exhibir nas frontarias dos seus estabelecimentos a indicação de «Fornecedor da Casa Real», nós, os «Amigos», temos, graças a Deus, também, os nossos fornecedores habituais, que se honram com o serem e se melindram até, se não são solicitados para abastecerem os nossos certâmens.

Assim, com o concurso, V. Ex.^{as} já sabem, de Hugo Raposo e Eduardo Portugal, a que eu, nas suas faltas, me associei, viémos hoje, lembrar que há cem anos começou nesta cidade das sete colinas a publicar-se uma revista que se chamou ARCHIVO PITORESCO, que nasceu na Rua da Boavista, em Junho de 1857 e perdurou até 1868 com escritório no Palácio do Marquês de Sampaio.

Ora quisemos nós — pobres de bens, que não de espírito — mas cumpridores e respeitosos sempre, com o passado desta nossa terra, relembrar a revista, expôr os seus exemplares e rememorar a sua época.

Assim V. Ex.^{as}, verão, Suas Majestades e Altezas, os seus conselheiros, escritores, vultos, trajos e costumes da época.

Desde as gravuras e litografias até aos conhecimentos de embarque (1.500 réis pelo transporte para o Rio de Janeiro de 3 almudes de vinho e uma ancoretta de azeitonas), a quota da Maçonaria (cara para a época), e a cautela da Misericórdia, autêntico bilhete por 5\$000 réis, tudo V. Ex.^{as} verão e o compararão com a época actual.

(¹) Cerca de uma centena de espécies e numerosas fotografias originais e reprodução da Coleção Eduardo Portugal.

Simbólica — como é de uso — para caber nas nossas salas e não maçar os poucos que aqui concorrem.

Mas... as nossas realizações, não são para as grandes massas — mesmo porque não temos estádio próprio, como agora é de uso e até porque não jogamos nada, a não ser, a possibilidade, certa, da crítica alheia. E a boa apeteçemo-la, com tanto afã como desprezamos a má. Aqui tudo se faz por devoção.

As nossas realizações, como dizíamos, são para as nossas minorias, em que os iniciados fazem discípulos, educando e ilustrando.

E, Deus seja louvado, esta água-mole, da nossa teimosia, tem trazido prosélitos e cultores, que, se Deus quiser, manterão o fogo sagrado deste culto pelo que é nosso e que constitui a base da razão de ser da nossa própria existência; a nossa, que apreciamos esse culto e até a deles, os que o querem desconhecer e que se não fôr, de futuro, a lembrança do passado de agora, a deles e dos seus feitos, estou em querer que não perdurarão.

O que a mim, me impressiona, é o termos nós com vinte e poucos anos de existência, sós com nós próprios e só com os nossos próprios recursos, com pertinácia e fé cumprido a nossa missão e as nossas obrigações.

E não há, nem tem havido, acontecimento sério, a que não tenha correspondido uma realização, modesta, embora, mas oportuna; e por vezes — tantas — início de realizações futuras, por outros levadas a cabo, e isso não nos importa, porque o que é preciso é pôr a ideia em marcha e alcançar o fim. Educar para saber apreciar e conservar.

É esse o nosso fim único e propósito de sempre — a bem de Lisboa.

E, eu mesmo, que noutro sector, destas minhas actividades pró-Lisboa, verbero as coisas que não estão certas, com aplauso de muitos e irritação de alguns — por via de regra os que também não estão certos — venho hoje encarecer a realização deste certâmen, que está modesto, mas muito certo e oportuno.

Assim todos, como V. Ex.^{as} cuja presença agradeço, o saibam apreciar como é, e o fim que visa.»

No sábado 20 o nosso Director-Tesoureiro Sr. Hugo Raposo realizou na sede uma palestra sob o título sobre o «Arquivo Pitoresco» em que fez uma rápida e interessante digressão sobre o publicado nos onze volumes da referida revista, que estiveram patentes na nossa exposição e que eram pertença sua.

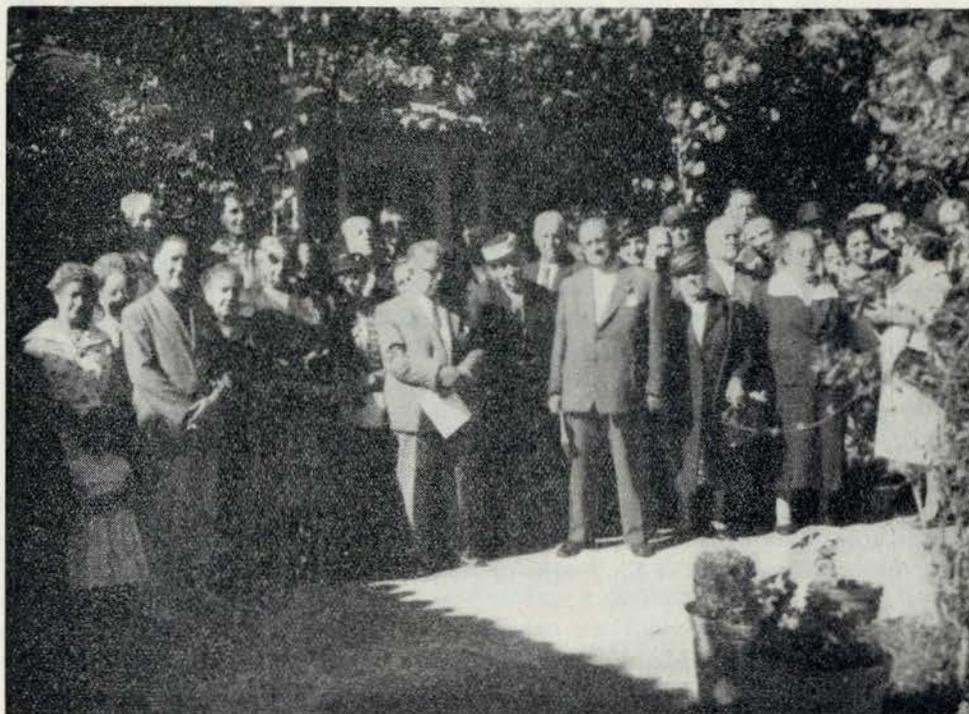
A conferência que foi presidida pelo nosso Secretário-Geral teve numerosa e selecta concorrência. A exposição esteve aberta até ao fim do mês de Julho.

«Olisipo» publica neste número a conferência do Sr. Hugo Raposo.

A 25 realizou-se a visita de estudo ao Laboratório Farmacológico J. J. Fernandes, Lda. que dirigida pelo seu gerente Sr. Francisco Laureano reuniu vários sócios que foram gentilmente recebidos e obsequiados e percorreram as magníficas instalações da Rua Filipe da Mata.

Em Agosto, terminaram as nossas visitas de estudo em colabo-

ração com a Câmara Municipal de Sintra, realizando-se a visita de estudo à Casa Museu Leal da Câmara, na Rinchoa, onde o Prof. Doutor Joaquim Fontes nos recebeu em nome do Presidente da Câmara Municipal de Sintra e como Vereador que é, do Pelouro Cultural da mesma Câmara. Este ilustre membro da nossa Junta Directiva saudou as cerca de 250 pessoas que em quatro antocarros e automóveis se deslocaram até lá e acompanhou na visita às várias salas do Museu e aos Jardins anexos onde a mesma Câmara restaurou uma Casa típica,



Na visita de estudo à Casa Museu Leal da Câmara, na Rinchoa

saloia, para permanência temporária, dos artistas que queiram pintar ou estudar a região.

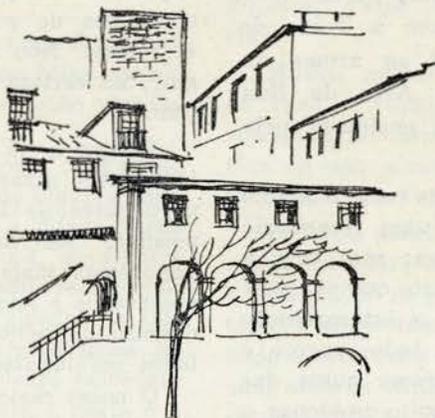
Esta bela iniciativa, sob o ponto de vista cultural e artístico da Câmara de Sintra despertou em todos o maior interesse e isso foi referido nas palavras que o nosso Secretário-Geral, que presidiu à pequena sessão inicial, secretariado pelo Director Sr. Hugo Raposo e pelo Relator da Comissão de Contas Sr. José Francisco de Oliveira, disse ao encerrar a sessão e ao agradecer a visita e a presença amável do seu colega Prof. Fontes.

Desta visita se publica uma fotografia de parte da assistência. Para as actividades culturais pós-férias (Novembro e Dezembro), estão em curso negociações para visitas de estudo às instalações do Metropolitano, Bombeiros Municipais, Direcção dos Serviços de Abastecimentos da Câmara Municipal de Lisboa no Palácio do Machadinho, Escola de Enfermagem de S. Vicente de Paulo na Azinhaga do Fidié, além de conferências e exposições, aquelas sobre «Torre de Belém», «Madame Ratazzi em Lisboa» e «Apólices de Seguros Antigas», pelos consócios Ferreira do Nascimento, Mário Areias e Dr. Luciano Ribeiro, e estas sobre Apólices de Seguros Lisboaetas, Torre de Belém e Almanagues Lisboaetas.

Destes, por gentil oferta da Comissão Administrativa da Misericórdia de Tavira recebemos por oferta 69 exemplares, alguns datando de 1791.

O Grupo representou à Ex.^{ma} Câmara Municipal de Lisboa sobre a monumentalidade exterior dos edifícios a construir na Avenida da Liberdade e praças e ruas circunvizinhas, após ter sido consultada a sua Secção de Estudos de Estética e Urbanização.

A representação publica-se neste número do Odisipo.





Feira da Ladra

Decalcomanias olisiponenses

UMA casa de Lisboa, sita na Rua do Ouro, editou recentemente duas decalcomanias, para colocar, especialmente, sobre os vidros dos automóveis, por serem muito procuradas pelos turistas estrangeiros. Orientámos, a pedido, a sua manufactura, que foi realizada no estrangeiro, e sugerimos, como figura central, a Torre de Belém, pelo seu porte e beleza artística, aconselhando a inclusão, também, do brasão da cidade.

A referida casa, editou, porém, dois modelos a cores, um com a Torre de Belém, tendo em baixo as armas da cidade, e outra com o Arco da Rua Augusta, qualquer delas encimada pela legenda PORTUGAL.

Ora, não resultou nem para o desejo do turista, que é levar uma recordação da cidade por onde passa; nem para a propaganda da capital, visto que não está lá o seu nome escrito e a interpretação dos monumentos, nem a todos sugere o nome da cidade e as armas numa das espécies inscritas, são muito pequenas e não trazem a legenda elucidativa: «a mui nobre e sempre leal cidade de Lisboa».

É mister, pois, e isso já se sugeriu, que tal se remedeie, sendo de louvar a iniciativa que através das estradas perpetua e reclama o nome da nossa Lisboa.

E. N.

Lisboa, cidade de belas vistas

IMPORTANTES capitais europeias, sem embargo de outros encantos que possuam, não gozam do privilégio com que a natureza dotou a Princesa do Mar Oceano: os seus miradouros!

Amigos de Lisboa, nas nossas teimosas peregrinações domingueiras, cá temos andado a desvendar aos próprios lisboetas as suas belezas conhecidas e desconhecidas. Não há recanto quase, o mais escondido que seja, que não tenha sido esquadrihado por nós. Alguns, lá fora, olham-nos de sosláio e tratam-nos por «carolas». Não faz mal, vamos prosseguir, na certeza de que estamos a fazer bem.

Pensou-se já porventura a sério no importante atractivo turístico que são os miradouros de Lisboa? É uma coisa de pasmar. As vistas mais variadas, os panoramas mais imprevisíveis podem ser observados e admirados de mais de duas dezenas de pontos altos, situados quase todos em lugares próximos e acessíveis.

O nosso castelo, de fundação anterior à nacionalidade, é o centro de gravitação dos belvederes lisboetas, descoberto pela objectiva precursora do Rochini no século passado. Esse é o que domina o centro da cidade. É ponto de interesse histórico e parapeito de belas vistas.

Recuando para o interior, e seguindo a mesma linha de talvezue vamos encontrar o adro da Igreja da Graça, do

Senhor dos Passos que é outro lindo miradouro, assim como na crista que se lhe segue, outro que é a Senhora do Monte e mais um quarto, o mais alto deles, a 110 metros de altitude que é o da Penha de França ou Monte Alperche, junto ao «fogareiro» da água.

Da empena sul da Capela do Alto de S. João — mau grado o lugar — disfruta-se uma das mais imponentes vistas do Tejo e da Outra Banda.

S. Pedro de Alcântara, o Alto de S. Catarina, a Rocha de Conde de Óbidos no Jardim das Albertas tiveram a sua aura. Eles ainda conservam os seus fiéis, mas o alargamento da cidade criou novos horizontes panorâmicos.

O terraço da Mãe d'Água nas Amoreiras tem uma vista vastíssima e variada. O aeroporto, a 100 metros de altitude, domina a cidade, campo e o rio. A plataforma superior do Elevador de Santa Justa é um miradouro interessante, como é também o de Santa Luzia, às Portas do Sol.

De qualquer janela do Paço Episcopal de S. Vicente disfrutam-se belas vistas, especialmente daquelas que estão viradas a sul e a poente.

O parapeito do topo norte do Parque Eduardo VII é hoje um dos lugares mais procurados, para admirar a cidade, tanto de dia como de noite, e ali, se alguém fôr capaz de atacar o empreendimento de edificar o Arco do Triunfo, de que Lisboa carece, nessa altura teremos na sua plataforma o mais célebre belvedere a dominar os arredores para o norte e a Outra Banda para o sul.

Monsanto, transportado no nossa geração, de campo de cultura para Parque Florestal, ligado hoje à cidade por belos arruamentos de acesso convidativo, possui o que se poderá dizer uma valiosa coleção de miradouros: é o do moinho do Alferes (hoje chamado do Penedo) o da

Luneta dos Quartéis e Moinhos do Mocho, o de Montes Claros (que foi Forte do campo entrincheirado) num local atraente pelo que dentro dele contém e pelo que dele para fora se avista nos quase 360 graus da circunferência.

O Forte de Monsanto, a 216 metros, é por excelência um grande miradouro natural, como é também a Capela de S. Jerónimo e é cada uma das inúmeras janelas do nosso sumptuoso Palácio da Ajuda.

A explodir para cima dos prédios de terceiro e quarto andar, estão agora a aparecer inopinadamente edificações ciclópicas de dez e doze andares, progresso este que pessoalmente deploramos, mas para efeito de vistas, aqueles prédios que estão isolados e *enquanto se mantiverem isolados*, dalguns deles se avistam belos panoramas, como seja dos que se situam na Rua de D. João V e na Rotunda da Avenida de Roma. O novo Hotel Ritz terá também diante de si cenários maravilhosos, vistos dos últimos andares é claro.

Muitos milhares de lisboetas gozam do raro privilégio de ter cada um em sua própria casa um miradouro. Esses têm ao seu alcance a permanente contemplação do Tejo ou do arrabalde.

Porém o grande miradouro de Lisboa, o seu belvedere de eleição, aquele donde a cidade toda se pode contemplar em apoteose e em êxtase é num ponto abandonado e sem nome na Serra de Monsanto, onde aliás os «Amigos de Lisboa» já foram expressamente. Tentemos explicar se é possível. Entre o Forte de Monsanto e a Cruz das Oliveiras destaca-se uma estrada para sul, que vai a serpentear a encosta. Ao dobrar a sua terceira curva encontra-se sobre o lado esquerdo, de quem desce, uma proeminência de terreno, acessível a automóvel.

A cidade quase toda, o Tejo, as serras

de Palmela e da Arrábida, o aeroporto, o arrabalde saloio, até onde a vista alcança, tudo isso se apresenta na nossa frente numa espantosa profusão de imagens variadas.

Agora que o turista estrangeiro procura Portugal em ondas cada ano mais alterosas, parece que se impõe criar o ROTEIRO DOS MIRADOUROS. Fazer um esboço dele foi o propósito deste ligeiro apontamento.

H. R.

A sinalização da cidade

O espantoso afluxo de turistas estrangeiros ao nosso país, veio pôr novamente em destaque a questão das tabuletas orientadoras dos principais sentidos do trânsito para veículos automóveis. Ao trazer-se para aqui o caso evidentemente se não esquece que alguma coisa está feita, mas hoje insuficiente ou talvez já desprestigiante para a cidade de Lisboa.

Milhares de automobilistas estrangeiros ao demandar a cidade de Lisboa, encontram logo a primeira grande hesitação justamente à entrada da cidade, na Encarnação, cuja rotunda é um complicado enigma de trânsito. Vir daí até ao centro da cidade é outro enigma.

Procurar caminho para o Castelo de S. Jorge, até mesmo para alguns lisboetas, continua a ser uma charada. Encontrar a ligação para o Estoril «Via Auto-Estrada» ou «Via Estrada Marginal», com a intensidade do trânsito é uma coisa impossível, e da mesma forma, para Sintra, para Queluz ou para Mafra.

Em toda a parte existem placas orientadoras que levam o automobilista que não conhece a terra, até ao centro da cidade e indicam-lhe também as saídas desejadas. De resto, com a intensidade que o trânsito tem hoje em toda a parte é impossível barrar a passagem a uma

onda de veículos, para um estrangeiro indagar de um agente qual é o caminho para o Castelo de S. Jorge. A menos que se reconheça que já não vale a pena mostrar a estrangeiros o nosso bilhete de identidade histórico...

As obras do metropolitano, necessárias e urgentes, vieram todavia dificultar as questões do trânsito nas áreas afectas à construção. As linhas circulatórias desviaram-se para ruas secundárias, que os automobilistas e motociclistas lisboetas encontram e seguem com a maior facilidade, mas que desnorream e desorientam todos os que o não são.

Neste capítulo, Lisboa está a dar uma má nota de si e deixou novamente este ano uma depreciativa impressão nos milhares de estrangeiros que andaram para aí «às aranhas». É preciso sinalizar convenientemente, em locais que se vejam, com placas de dimensão que se vejam, os vários derivantes de interesse turístico, o Castelo de S. Jorge, os Jerónimos, o Museu de Arte Antiga, o Terreiro do Paço, o Aeroporto, o Parque Florestal, os seus miradouros, únicos no mundo.

Não há sequer a desculpa de ser um trabalho dispendioso. Umhas poucas dezenas de contos chegam. A entidade responsável tem nas suas reservas capitais mais que suficientes para tão pequena despesa.

H. R.

Os Painéis, chamados de S. Vicente

MUITO se tem falado, escrito e discutido nos últimos cinquenta anos, sobre tudo o que se relaciona com o políptico das Janelas Verdes. Porém a única conclusão unânime a que os vários interventores haviam chegado, era a de que esta se pode considerar de facto a mais representativa peça de pintura saída dos pincéis de artista lusitano.

Quanto ao resto, a identidade das numerosas personagens, a época da feitura do trabalho, a intenção da sua encomenda e afinal, até a própria autoria do quadro, tudo isso se apoiou até hoje em movediças e contraditórias conclusões, que permitiram apenas admitir-se com uma relativa complacência geral que a figura central seria S. Vicente, o santo da veneração alfacinha, não obstante a tese de outros investigadores que a identificavam por Santa Catarina, o Infante Santo, a Infanta D. Catarina e a Rainha D. Isabel.

A tese S. Vicente veio a dominar todas as demais e Nuno Gonçalves foi proclamado «urbi et orbi» como autor das tábuas quatrocentistas, com a sanção oficial da etiqueta dourada.

Acalmaram-se as paixões e tudo quanto acerca dos painéis se passou nestes últimos anos foi apenas no sentido meritório de os cercar de majestosa dignidade e atenta veneração. Quinhentos anos decor-

ridos sobre a execução do políptico, intercalados com guerras e cataclismos, épocas de fraca governação e até dois períodos de demorada ocupação estranha (acontecimentos estes todos pouco propícios à conservação e resguardo de certos documentos) parecia que nada se poderia avançar no sentido de uma averiguação mais profunda em qualquer sentido que fosse.

Entretanto, alguém, no silêncio dos velhos arquivos, trabalhava há anos, com a paciência de um beneditino para encontrar a verdade sobre os painéis. A figura, chamada do Judeu, mostra ao espectador um livro aberto, cujo texto merecera até hoje diferentes explicações, mas que ninguém, em rigor havia decifrado. Contudo é em realidade um texto escrito, em latim, com a imprecisão caligráfica própria da recuada época em que os painéis foram pintados, que diz:

ROGANDO
S. ANTONIUM
CARDINALIS
JACOBUS
INFANTIS DOMINI PETRI
PORTUGALIAE
FILIUS COR
PUS PATRIS
SUI SEPULT FACTA
IN ECCLEZYAM
S. MARIAE

S. ANTONIUS
FECIT VIRTUOSA
ET PISSIMA
SUA SANCTA VITA
SACRA OSSA INFANTIS
DOMINI PETRI
PORTUGALENSI
QUO SEPULTA SINT
IN ECCLEZYAM
S. MARIAE
M JI MCCCCLV

cuja tradução será:

*O Cardeal Jaime,
filho do Infante D.
Pedro de Portugal,
rogou a Santo Antó-
nio que ao corpo de seu pai
fosse feita sepultu-
ra na Igreja de
Santa Maria.*

*Santo António fez
virtuosa e piíssima
a sua santa vida,
para que os sagrados
ossos do Infante D.
Pedro de Portugal
fossem sepultados
na Igreja de Santa
Maria, no mês de
Julho de 1455.*

Não se pode imaginar a paciência e a pertinácia que foram necessárias durante sucessivos anos de trabalho para chegar a esta conclusão, e depois a partir dela, encontrar outras explicações que esclarecem o verdadeiro significado dos painéis e sobretudo promover a identificação da figura central, admitida como sendo S. Vicente, e que é afinal D. Jaime de Portugal, Cardeal de S. Eustáquio, filho de D. Pedro de Alfarrobeira, guerreiro aos 15 anos, cardeal aos 22, sucumbido em santidade aos 25.

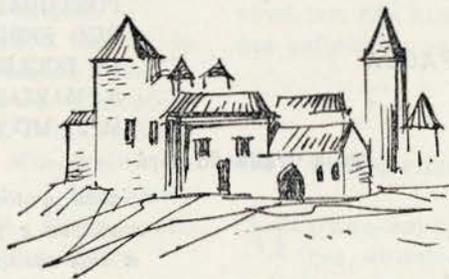
Esta sensacional e revolucionária descoberta está documentada, explicada e demonstrada, pelo autor de tão pacientes investigações, o Dr. António Belard da Fonseca, num livro recentemente editado sob direcção gráfica de Luís Moita, com o título «O Mistério dos Painéis». Diz o autor, com uma probidade digna do maior louvor, que há muito tempo houvera chegado a estas conclusões. Não as quisera divulgar porém, sem as apoiar em provas insofismáveis, adquiridas em laboriosas pesquisas, por museus e arquivos da Bél-

gica, da França, da Espanha e da Itália, especialmente na Capela florentina da Basilica de S. Miniato, dedicada ao «Cardinale di Portogallo» à qual os painéis se destinavam.

Passados repentinamente do campo vago da conjectura para o terreno firme da prova, tem direito a todas as homenagens o Dr. Belard da Fonseca, que longe de usar linguagem envaidecida ou contundente, adopta antes, a mais delicada e elegante das atitudes para com todos os investigadores e críticos que o antecederam no estudo dos painéis.

Identificar o Cardeal D. Jaime de Portugal é um serviço enorme prestado pelo Dr. Belard da Fonseca à História da Arte, mas outro de não menos valia foi o de esclarecer e comprovar que é efectivamente de pintores portugueses — João Eanes e Nuno Gonçalves — a autoria daquela obra-prima da nossa pintura medieval, que Lisboa cicsamente guarda e venera no seu Museu de Arte Antiga.

H. R.



ÍNDICE

DO 20.º VOLUME

1957



A Companhia Geral das Carnes, por <i>Carlos Alberto Lopes Teixeira</i>	162
Acção Cultural, durante o ano de 1956	45
Actividade Cultural 39, 90, 141 e	165
Assembleia Geral de 1957	93
Relatório da Junta Directiva	98
Parecer da Comissão e Contas	102
Documentos inéditos colhidos nos apontamentos de um cronista franciscano, por <i>Ferreira de Andrade</i>	32
Dom Gilberto, pelo <i>Dr. Gilberto Monteiro</i>	51
Feira da Ladra 41, 96, 143 e	170
Inauguração do estabelecimento das diligências entre Lisboa e Coimbra, por <i>Carlos Alberto Lopes Teixeira</i>	131
Lisboa e S. Lourenço de Brindes, por <i>Francisco Leite Faria</i>	3
O Centenário do Archivo Pitoresco, por <i>Hugo Raposo</i>	153
O Palácio do Loreto, por <i>Mário Costa</i>	113
O Problema da distribuição do Correio em Lisboa, por <i>Mário Sande Freire</i>	135
O Sítio de Santo Amaro, por <i>Mário Costa</i>	59
Palestra proferida na visita de estudo dos «Amigos de Lisboa» ao Arquivo Histórico Militar, em 17 de Novembro de 1956, pelo seu Director, <i>Coronel Alberto Faria de Moraes</i>	26
Sobre a Avenida da Liberdade	147
Um desenho à pena da autoria de Júlio de Castilho, por <i>Eduardo Neves</i> ...	149
Urbanização Ribeirinha, por <i>Alfredo Ferreira do Nascimento</i>	105

LIVROS

EDIÇÕES DO GRUPO E DOS SÓCIOS



VÁRIA

PREÇOS

	Sócios	Público
Evocação do Café Martinho		esgotado
Noite de evocação do Leão de Ouro	13\$50	15\$00
Urbanização de Lisboa	4\$50	5\$00
Lisboa de ontem e de hoje do Sr. Rocha Martins		esgotado
A Cor de Lisboa	13\$50	15\$00
Olisipos (alguns números esgotados) cada dos que existem	18\$00	20\$00
Evocação do Café-Restaurante Tavares	4\$00	5\$00
Jantar de confraternização na Casa do Leão	4\$00	5\$00

A. VIEIRA DA SILVA

O Castelo de S. Jorge	13\$50	15\$00
A Ponte de Alcântara	13\$50	15\$00
Os Paços dos Duques de Bragança em Lisboa	13\$50	15\$00
Fantasia sobre a origem do nome de Lisboa	13\$50	15\$00

ALFREDO DA CUNHA

Olisipo berço do periodismo português	13\$50	15\$00
--	--------	--------

ALFREDO FERREIRA DO NASCIMENTO

Algumas achegas para a História da Defesa de Lisboa	13\$50	15\$00
Os Banhos da Rocha do Conde de Óbidos	13\$50	15\$00
O Quartel de Campolide	13\$50	15\$00
O Quartel do Regimento do Conde de Lippe	13\$50	15\$00

ANTÓNIO RIBEIRO DA SILVA E SOUSA

A Igreja e o Sítio de Santo Estêvão	13\$50	15\$00
O Campo de Santa Clara... ..	13\$50	15\$00
Ronda e Silva de Lisboa Velha	9\$00	10\$00
Bagatelas de tempo vário	9\$00	10\$00

AUGUSTO CASIMIRO

Lisboa Mourisca	18\$00	20\$00
------------------------	--------	--------

EDUARDO NEVES

Ruínas do Carmo	esgotado	
Igreja da Penha de França	>	
Faculdade de Medicina	>	
Lisboa nos Ex-Libris	>	
Lisboa na Numismática e na Medalhística	>	
O Convento dos Barbadinhos Italianos	>	
Do Sítio do Intendente	>	
Lisboetas na Índia e Luso-Indianos em Lisboa... ..	>	
Alocações	13\$50	15\$00
Homenagem a Matos Sequeira... ..	13\$50	15\$00
Um Arcebispo-Primaz natural de Lisboa	13\$50	15\$00

F. A. GARCEZ TEIXEIRA

A Irmandade de S. Lucas	13\$50	15\$00
--------------------------------	--------	--------

FERREIRA DE ANDRADE

Relação das casas foreiras... ..	22\$50	25\$00
O Senado da Câmara e a Guerra Civil	27\$00	30\$00
Três Touradas no Terreiro do Paço	13\$50	15\$00
Palácios Reais de Lisboa	45\$00	50\$00
Do Convento de N. Senhora de Jesus	esgotado	
Guia do Olisipo n.ºs 1 a 11 cada	7\$50	8\$00
» » n.ºs 12 a 17 cada	9\$00	10\$00
Visite Lisboa, 4.ª ed.	63\$00	70\$00
Vinte e cinco anos na vida duma capital	54\$00	60\$00
Portugal País de Turismo, 2.º, 3.º, 4.º e 5.º vols. cada	135\$00	150\$00

DR. FREDERICO MARJAY

Lisboa e seus arredores (em português e inglês)	200\$00	240\$00
--	---------	---------

GILBERTO MONTEIRO

Esboço histórico do Hospital de Belém	18\$00	20\$00
D. Gilberto	13\$50	15\$00

GUSTAVO DE MATOS SEQUEIRA

Auto de S. João	9\$00	10\$00
Lisboa (Comédia)	18\$00	20\$00

HENRIQUE DE CAMPOS FERREIRA LIMA

Casas onde em Lisboa residiu Almeida Garrett... ..	esgotado	
--	----------	--

HENRIQUE LINHARES DE LIMA

Vultos e sombras medievais	45\$00	50\$00
-----------------------------------	--------	--------

HUGO RAPOSO

Primeiro circuito da Lisboa Moderna em transporte colectivo ... 9\$00 10\$00

J. S. VIEIRA

O Convento dos Marianos esgotado

JOÃO MONTEIRO

Estrada de Sacavém 27\$00 30\$00

JOAQUIM ROQUE DA FONSECA

A Urbanização de Lisboa 13\$50 15\$00

JOSÉ SEBASTIÃO SALDANHA OLIVEIRA E DAUN

Relação histórica (resumida) das cavalhadas do Terreiro Real
que se fez na Corte da cidade de Lisboa em 1795 esgotado

JULIETA FERRÃO

Lisboa 1870 esgotado

LUÍS MOITA

A Ermida de Santo Amaro... .. esgotado
O Metropolitano e as «Sete Colinas» Olisiponenses 7\$00 7\$50

LUÍZ PASTOR DE MACEDO

A Baixa Pombalina 6\$70 7\$50
A Rua das Canastras 7\$20 8\$00
Críticas, Correções e aditamentos à «Lisboa de ontem e de hoje»
do Sr. Paulo Freire 9\$00 10\$00
Notícias e registos curiosos extraídos dos livros paroquiais da
Freguesia da Sé 9\$00 10\$00
Ascendentes de Camilo 13\$50 15\$00

LUÍS TEIXEIRA

O «Diário de Notícias» e o Século XIX 4\$50 5\$00

LUÍS TRINDADE

Janelas de Alfama 18\$00 20\$00

MANUEL VICENTE MOREIRA

Jardins de Lisboa e Porto esgotado
O Problema da Habitação 27\$00 30\$00

MÁRIO COSTA

Da Rua Nova à Rua dos Capelistas	18\$00	20\$00
Festas do Casamento da Infanta D. Catarina de Bragança com Carlos II de Inglaterra	9\$00	10\$00
Duas Curiosidades Lisboetas — O Balão do Arsenal e o Tiro da Escola Politécnica	13\$50	15\$00
O Sítio de Santo Amaro	18\$00	20\$00

MÁRIO SAMPAIO RIBEIRO

Igreja da Conceição Velha... ..	esgotado	
A Igreja e o Convento da Graça		
Do Sítio do Restelo e das suas Igrejas de St.ª Maria de Belém	45\$00	50\$00
Calçada da Ajuda	esgotado	

NORBERTO DE ARAÚJO

Pequena Monografia a S. Vicente... ..	9\$00	10\$00
---------------------------------------	-------	--------

ROBERTO DIAS COSTA

A Paroquia de S. Jorge de Arroios	esgotado	
--	----------	--

RUY DE ANDRADE

Como o artista Alfredo de Andrade encarava alguns problemas da edilícia citadina	9\$00	10\$00
--	-------	--------

RUY DIQUE TRAVASSOS VALDEZ

Subsídios para Heráldica Tumular Moderna Orlisiponense... ..	esgotado	
--	----------	--

TINOP

Lisboa de Outrora, 1.º, 2.º e 3.º vols.... .. cada	13\$50	15\$00
--	--------	--------

Pérola do Rossio

Limitada

Casa especializada em Chá, Café, Bolachas, Bombons e Chocolates

Envio de encomendas
para

Todo o País e Estrangeiro

Rossio, 105 · Lisboa · Telef. 20744

OURO, PRATA E JOIAS
BARATISSIMAS

Grande sortido de objectos de ouro em 2.^a mão só pelo peso

VENDE

a Antiga Ourivesaria

MIGUEL A. FRAGA, L.^{DA}

Pavilhão dos Ourives - Largo Martim Moniz, Loja 18 - Tel. 28503 - LISBOA

**Casa
Maciel,
Lda.**

CASA FUNDADA EM 1810

Premiado nas exposições de Rio de Janeiro 1922, Barcelona 1929, e Industrial Portuguesa

*FABRICANTE DE
LANTERNAS*

em todos os estilos

Sortido completo em louças, folha de Flandres, ferro esmaltado, alumínio, Porcelanas, vidros e artigos de ménage

Tel. 2 24 51

63, Rua da Misericórdia, 65 - LISBOA



E. Pinto Basto & C.^a, Lda.

LISBOA

TRANSPORTES MARÍTIMOS E AÉREOS

SEGUROS

REPRESENTAÇÕES
(Industriais, etc.)

FOLHA DE FLANDRES E AÇOS

EXPORTAÇÕES
IMPORTAÇÕES

No Porto:

Kendall, Pinto Basto & C.^a, Lda.

L I V R A R I A
P O R T U G A L

Rua do Carmo, 70

L I S B O A

Telefone P. P. C. 30582, 30583 e 28220

● LIVROS NACIONAIS E ESTRANGEIROS

Serviço rápido de encomendas

Informações Bibliográficas

Dirijam os seus pedidos à

P O R T U G A L
Rua do Carmo, 70 - Lisboa



SANTA CASA
DA
MISERICÓRDIA DE LISBOA



L O T A R I A
E X T R A C Ç Õ E S
S E M A N A I S

PRÉMIOS MAIORES

1 0 0 0 C O N T O S

1 0 0 C O N T O S

5 0 C O N T O S

Os lucros líquidos revertem para a Santa Casa da Misericórdia de Lisboa e demais instituições de assistência pública, nos termos da legislação em vigor

SOCIEDADE GERAL

DE

COMÉRCIO, INDÚSTRIA E TRANSPORTES

CARREIRAS REGULARES

DE:	PARA:	PARTIDAS:
Metrópole.....	Cabo Verde e Guiné.....	Dias 10 e 25 de cada mês
Metrópole.....	S. Tomé e Príncipe e Angola.....	Mensais
Norte de Europa	Lisboa, Matadi e Angola.....	De 21 em 21 dias
Anvers	Portugal	Quinzenais

SERVIÇOS PERMANENTES

Transporte de fosfatos do Norte de África e de pirites do Pomarão / Tramping
Consignações / Trânsitos / Serviços de reboques fluviais e de alto mar
Lanchas / Fragatas / Batelões.

FROTA PRINCIPAL

	TON.		TON.		TON.
n/m «África Ocidental»	1.560	n/m «Arrojolos»	9.558	n/v «Foca»	2.060
n/m «Alcobaça»	9.588	n/m «Belas»	7.259	n/m «Manuel Alfredo»	3.297
n/v «Alcoutim»	10.150	n/m «Borba»	7.259	n/v «Maria Amélia»	3.005
n/m «Alenquer»	9.588	n/m «Braga»	7.224	n/v «Mello»	6.225
n/m «Alexandre Silva»	3.257	n/m «Bragança»	7.224	n/v «Mira Terra»	620
n/v «Alferrarede»	2.118	n/m «Cartaxo»	1.376	n/v «Pinhel»	3.665
n/m «Alfredo da Silva»	3.643	n/m «Colares»	1.376	n/m «Rita Maria»	3.458
n/m «Almeirim»	9.588	n/m «Conceição Maria»	2.974	n/m «São Macário»	1.221
n/m «Ambrizete»	9.245	n/m «Coruche»	1.376	n/v «Saudades»	6.430
n/m «Ana Mafalda»	3.575	n/v «Costeiro»	900	n/v «Zé Manel»	1.240
n/m «Andulo»	9.245	n/m «Costeiro Terceiro»	1.426		
n/m «António Carlos»	2.974	n/m «Covilhã»	1.376		

Total 155.110 Ton.

FROTA AUXILIAR

6 Rebocadores fluviais, 2 Rebocadores de alto mar, 7 Lanchas a motor, 33 Batelões, 24 Fragatas, 1 Barca de água, 1 Draga e 4 Batelões de dragadas.

EM CONSTRUÇÃO NOS ESTALEIROS DA C. U. F.

2 navios de 800 T., com motores de 650 HP., para serviço costeiro;
2 navios de 320 T., com motores de 500 HP., para transporte de carga e passageiros
no serviço de cabotagem na Província de Cabo Verde.

CARGA E EXPEDIENTE

LISBOA – Rua do Comércio, 39	PORTO – Rua Sá da Bandeira, 82
Telef. 2 63 14/5	Telef. 2 73 63
Teleg. GERAL	Teleg. SABÕES

Esta é a companhia portuguesa que tem ao serviço mais navios construídos em Portugal, nos Estaleiros da Companhia União Fabril, no Barreiro e em Lisboa

Todos os tabacos da

Companhia Portuguesa de Tabacos

INVICTA - VIC - TIP TOP - SPORTING - TAGUS
PROVISÓRIOS - AVIZ - FRANCÊS - SUPERIOR - TAP

são fabricados pelos processos mais modernos, com tabacos escolhidos das melhores procedências

COMPRAMOS

LIVROS DE BONS
AUTORES

—
Grandes e pequenas
quantidades

—
LIVRARIA «ECLÉTICA»

Calçada do Combro, 58
Telef. 2 8663 LISBOA

CAMILO
CASTELO
BRANCO



O mais apreciado e o mais português de todos os romancistas

Edição popular das suas principais obras em

80 VOLUMES

CONHEÇA
LEIA
APRECIE
DIVULGUE

CAMILO

Edições da

Parceria António Maria Pereira

RUA AUGUSTA, 44 A 54
Telef. 31730 : End. Teleg. PARCEPEREIRA

BERTRAND (IRMÃOS), LDA.

Artes Gráficas

FOTOGRAVURA
TIPOGRAFIA
LITOGRAFIA
ROTOGRAVURA
"OFFSET" - DESENHO

Travessa da Condessa do Rio, 7

Telef. 21368 - 21227 - 30054 — LISBOA

Companhia de Diamantes de ANGOLA

(DIAMANG)

Sociedade Anónima de Responsabilidade Limitada

Com o capital de

ESC. 294.100.000\$00



Pesquisa e extracção de diamantes

na

PROVÍNCIA DE ANGOLA

em regime de exclusivo



Sede Social: LISBOA, Rua dos Fanqueiros, 12-2.º – Teleg. DIAMANG

Presidente do Conselho de Administração

e

Administrador-Delegado

Com. Ernesto de Vilhena

Vice-Presidente
Com. Álvaro Morna

Presidente dos
Grupos Estrangeiros
Mr. Firmin Van Brée



DIRECÇÃO-GERAL NA LUNDA

Director-Geral

Eng. Rolando Sucena de Sousa

REPRESENTAÇÃO EM LUANDA

Representante

Dr. Silvio Guimarães

CLUBE NAVAL DE LISBOA

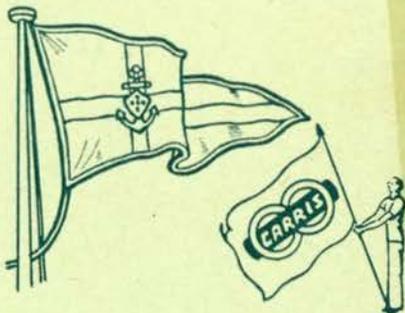
SESSENTA e quatro anos de actividade ao serviço dos Desportos Náuticos conta o Clube Naval de Lisboa, fundado em 18 de Novembro de 1891.

Sempre orientado pelos mais nobres princípios humanos e sociais, este Clube adquiriu, logo que se fundou, o barco salva-vidas «Dona Amélia», criando um posto de socorros a náfragos que depressa se tornaria famoso, e seria o precursor das modernas instituições deste género.

Conta o Clube Naval de Lisboa apenas com cerca de mil e quinhentos dedicadíssimos associados, mas tudo leva a crer que, com a nova sede já projectada e a aquisição de novas unidades, este número aumente cada vez mais.

Entre os muitos títulos conquistados pelo glorioso Clube do Cais do Gás contam-se: a Taça Vasco da Gama, em 1898; a Taça Herédia, em 1918; o Campeonato de «water-polo», em 1916; a travessia do Tejo, em 1916; além de muitos outros troféus e taças correspondentes a vinte e quatro campeonatos regionais de remo.

Espera o Clube Naval de Lisboa que o seu passado valoroso, ao serviço de uma causa tão nobre como são os Desportos Náuticos lhe sirva de credencial para merecer as necessárias facilidades que lhe permitam singrar para um futuro melhor, tudo levando a crer que assim acontecerá, para bem do Desporto e glória de uma prestigiosa instituição que nunca desmereceu os que nela confiaram.



SENA SUGAR ESTATES, LTD.

Plantações e Fábricas de Açúcar em

LUABO

e

MARROMEU

PROVINCIA DE MOÇAMBIQUE

NA LISBOA
DE ONTEM



E

NA LISBOA
DE HOJE



COMO, AFINAL, EM QUALQUER PARTE,
CONTRA A TOSSE:

BENZO-DIACOL